

Resenhas

MC LAREN, Peter. RITUAIS NA ESCOLA. Editora Vozes, Petrópolis, 397 páginas, 1992.

A Editora Vozes publica Rituais na Escola, de Peter MCLaren traduzido por Angela Biaggio (UFRGS) e Juracy Marques (UFRGS e PUC/RS).

Seu autor, o canadense Peter MCLaren, é professor e escritor, atualmente ensinando numa universidade americana. Como professor, passou grande parte do tempo trabalhando em escolas públicas urbanas, com estudantes carentes. Enquanto escritor, ele combina os dons raros de um teórico astuto com os de um contador de histórias. Como contador de histórias, ele apresenta um retrato ricamente detalhado e esclarecedor de suas experiências e do meio em que vivem os professores e alunos de uma escola de nível médio, de origem étnica predominantemente portuguesa, em Toronto, no Canadá.

MCLaren, utiliza o enfoque etnográfico, que está firmemente enraizado na noção de que as escolas desempenham a função reprodutora de preparar os estudantes da classe trabalhadora para os degraus mais baixos da escada ocupacional. O autor, apresenta pontos fortes neste enfoque: em primeiro lugar, é eminentemente político por natureza. Nesse contexto, revela que as experiências escolares são organizadas dentro de relações específicas de poder. Ao invés de apresentar o canto repetitivo de um enfoque metodológico, preocupado com o simples registro do detalhe, MCLaren inicia com o problema de identificar e explicar como as Escolas Secundárias St. Ryan organiza suas turmas e o dia escolar em torno de imperativos gêmeos de produzir operários e fazer católicos. Em segundo lugar, MCLaren desenvolve sua etnografia dentro de um discurso teórico que apropria criticamente, combina os métodos e insights da terra do ritual e desempenho, por um lado, e a nova sociologia da educação, pelo outro. Por isso, este não é apenas um estudo sociológico ou antropológico da escola, mas, principalmente, um estudo que apresenta alternativas para a construção de uma verdadeira pedagogia de oposição.

A partir dessa análise, o que se torna evidente, no eixo desta investigação de MCLaren, é que a resistência dos alunos, em muitos casos, está enraizada na necessidade de dignificar e afirmar aquelas experiências que constituem suas vidas fora da escola. O que MCLaren demonstra amplamente é que tal resistência é tanto uma questão de autoconfiança quanto é uma reação a ideologias e práticas opressoras. E, ao fazê-lo, ele aprofunda nessa compreensão de como o poder está implicado na sujeição do corpo à cultura da escola, bem como na recusa de renunciar a suas experiências e desejos sedimentados.

Neste trabalho, o autor argumenta pela primazia de se entender a escola, a partir das perspectivas da cultura. MCLaren, apresenta os temas principais que inspiram essa investigação, surgiram de uma aplicação empírica do conceito de ritual a ambientes escolares, particularmente aos eventos e condições que fornecem o contexto para a instrução na sala de aula. Este livro é uma tentativa de trazer a pesquisa educacional para uma relação com alguns dos insights obtidos, tanto teóricos quanto metodológicos, no campo dos estudos de rituais. O tema da pesquisa contida no livro de MCLaren - alunos de uma escola católica canadense, filhos de imigrantes açorianos - é pensar que isto pouco pode ter a ver conosco, com a vida em nossas escolas e com a escola em nossa sociedade, que é tudo muito remoto. Entretanto, ao termi-

na leitura, guiados pela detalhada descrição e análise de MCLaren, ficamos surpresos em ver quanto isto tem a ver com a nossa escola, quanto os eventos aí descritos e as conexões aí analisadas referem-se simplesmente à escola. A falta de significado que esses jovens encontram diariamente na escola observada por MCLaren, o desenrolar-se, dia após dia, de duas culturas separadas e incomunicáveis - a cultura viva e vital desses jovens, de um lado, a formal e rotineira da escola, do outro e a inexorável entrada da maioria desses estudantes no beco sem saída da reprodução, são todas características de uma instituição que conhecemos muito bem.

Sintetizando sua análise, MCLaren aponta muitas maneiras pelas quais a dinâmica da produção cultural pode fornecer aos professores e educadores os instrumentos para desenvolver uma pedagogia crítica. Isso é especialmente evidente no apelo que MCLaren faz aos professores para questionarem o seu próprio capital cultural e como este mediatiza a maneira pela qual eles estruturam e interpretam as experiências de sala de aula. O discurso da possibilidade é ampliado, ainda, no apelo de MCLaren aos administradores e professores para que desenvolvam modos de currículo e de ensino que apropriem e utilizem o capital cultural dos alunos que atendem. Isto sugere que os professores não apenas sejam mais atentos à imposição de um capital cultural dominante que ativamente silencia aqueles que não compartilham de suas ideologias e interesses, mas também que os professores confirmem e criticamente envolvam, ao invés de simplesmente aclamar, aquelas formas de cultura popular vividas que fornecem o material básico para as experiências dos alunos.

A busca de uma série de elementos normalmente ignorados em análises críticas da escola: o transcendente, o sagrado, o religioso, e também o corpo, a alegria, a dor. Talvez isto que gostaríamos de ver mais freqüentemente em analistas críticos da educação, ao invés de pretensas análises dialéticas, distintamente removidas de qualquer sensibilidade humana. Peter MCLaren escreveu um livro importante que recompensará todos os interessados em analisar a dinâmica ideológica e cultural que constitui a vida escolar. Constitui uma contribuição significativa de um preocupado cientista-professor.

Márcia Simão

GRACINDO, Regina Vinhaes. O ESCRITO, O DITO E O FEITO - Partido Político e Educação. Editora Papirus, Campinas, 1994.

Num momento como o que vivemos hoje, onde, de um lado, as eleições gerais que se avizinham ensejam questionamentos e análises sobre a prática político-partidária brasileira e, de outro, a triste realidade do ensino público em nosso país que começa a ser questionada por grande parte da população, a obra que nos é apresentada torna-se oportuna e original, por propiciar reflexões onde estas duas preocupações convergem, permitindo a visualização da importância dos partidos políticos na delimitação das políticas educacionais.

A autora buscou identificar as idéias, conceitos e valores que os partidos políticos possuem sobre o ensino fundamental, nos três eixos básicos para a construção de políticas educacionais (o público e o privado na educação, a democratização da educação e a qualidade do ensino), através de três momentos da ação parlamentar: o "escrito" (documentos oficiais), o "dito" (entrevistas com parlamentares) e o "feito" (emendas ao Projeto de LDB).

O privilégio dado ao ensino fundamental, neste estudo, deve-se ao fato dele configurar-se como a base mínima para a formação da cidadania, que oportuniza a construção de uma sociedade democrática.

A autora apresenta sua obra em cinco capítulos:

No primeiro estabelece um referencial teórico e histórico da evolução dos partidos políticos